

O Uso da Inteligência Artificial na Manipulação e Distorção da realidade.¹

Sabrina Emilly Azevedo dos Santos²

Daniel Bezerra Silva de França³

Alvaro Antonio de Carvalho Macedo⁴

Gabrielle Batista Fonseca⁵

Rafaela Cristina Rodrigues Pereira⁶

Gêsa Karla Maia Cavalcanti⁷

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo dissertar sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) e sua capacidade de manipulação e distorção da realidade através das imagens. Analisando criticamente suas competências, percebe-se o quão longe elas podem chegar e o quanto isso impacta a sociedade, criando e colocando em questão nossa capacidade de reconhecer um conteúdo como verídico e exigindo de nós a habilidade de ler as entrelinhas, bem como usá-la a nosso favor. Propomos aqui um debate sobre qual o limite entre o verdadeiro e o falso e porquê devemos treinar o nosso olhar para reconhecer o que é real e o que pode ter sido criado pela IA.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial; manipulação; imagens; distorção; realidade;

INTRODUÇÃO

A imagem ocupa um lugar de privilégio na contemporaneidade, ao ponto de estarmos vivendo numa civilização da imagem (JOLY, 2012). De acordo com Didi-Hubermanm (2013) nunca houve, como agora, uma imposição tão forte da imagem em nosso universo histórico, político, estético e cotidiano. A rapidez com que esse amontoado de textos, cores e formas consegue se espalhar justifica sua importância no mundo atual. Como destaca Roxo (2016, p. 2), a difusão de informações se dá majoritariamente por imagens, principalmente através das redes sociais.

Dessa forma, sejam fotos ou vídeos, as imagens estão ao nosso redor e seus intertextos nos alfabetizam - ou o contrário - a cada dia. Quanto à isso, tanto Didi-Hubermanm (2013) quanto Martine Joly (2012) nas discussões que estabelecem sobre a imagem, nos falam sobre a possibilidade de não sermos apenas iluminados, mas também cegados pelas imagens, que se

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura e Internet, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Aluno do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda, email: sabrinaemilly.ads@gmail.com

³ Aluno do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda, email: danielfranca5592@gmail.com

⁴ Aluno do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda, email: Alvaromacedo21@gmail.com

⁵ Aluno do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda, email: gabrielle.batista.116@ufrn.edu.br

⁶ Aluno do 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda, email: rafaelapereiranatal@gmail.com

⁷ Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN, Pós-doutoranda pelo projeto humanidades OBITEL Brasil ECA-USP. email: gesacavalcanti@gmail.com

estabelece como um objeto paradoxal já que sua leitura parece facilitada, mas que ao mesmo tempo é capaz de enganar. Pensar nisso se torna ainda mais importante no contexto de criação de imagens através de recursos da inteligência artificial (IA). Partindo de tal problemática, o presente artigo tem por objetivo dissertar sobre o uso da inteligência artificial na produção e reprodução de imagens, mais especificamente sobre sua capacidade de manipulação e distorção da noção da realidade. Sendo assim, serão apresentadas análises, bem como definições sobre o que é a IA e quais são as funções desta tecnologia.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: NOVAS E VELHAS PERSPECTIVAS

O termo Inteligência Artificial, de forma abreviada IA, surgiu no ano de 1956, e compreende um conjunto de tecnologias que permitem que computadores executem uma variedade de funções que vão desde traduzir idiomas e analisar dados a tomadas de decisões e recomendações. De acordo com Gomes (2010), a IA surge como um sistema que promete pensar e atuar como humanos e, por consequência, racionalmente, ou seja, são máquinas capazes de realizar funções que antes necessitavam de capacidades únicas e exclusivamente humanas.

Nesse contexto, tal ferramenta já domina boa parte do nosso cotidiano e, segundo uma análise feita pela Universidade Federal de Campina Grande, o mecanismo na IA, a tecnologia está muito mais imbricada no nosso cotidiano do que imaginamos, pois está presente em assistentes virtuais e plataformas digitais, atuando direta e indiretamente em áreas como saúde, direito, esportes, vendas e muitas outras que compõem o nosso dia a dia. A problemática aqui é, portanto, até onde nossas referências podem apoiar a criação de uma nova realidade, ou melhor, quais os limites para isso? Quem os dita?

Para entender tal cenário podemos tomar como exemplos dois casos em que pessoas fizeram uso de IA para participar de concursos artísticos e seus produtos conseguiram passar pelo crivo do júri sem serem classificados como produções feitas com o auxílio de IA. O primeiro caso, de 2022, se trata do autor Jason Allen, designer de jogos, que ganhou uma competição de artes da Colorado States Fare realizado nos Estados Unidos pela categoria de “Digital Arts/Digitally-Manipulated Photography” (Artes Digitais/Fotografias Manipuladas Digitalmente), ele se utilizou do Midjourney para criar a imagem. A discussão a ser levantada pelo rapaz foi a de que não pareceu necessário dizer o que verdadeiramente era esta ferramenta, e que era papel dos jurados ter este conhecimento, comparou inclusive o seu uso

ao do Adobe Photoshop ou Adobe Illustrator, outras duas ferramentas de manipulação de imagens de conhecimento muito maior, ferramentas estas que adicionaram recursos de criação com uso de IA recentemente, fazendo o discurso deste concorrente crescer em argumento.

O segundo ocorrido foi mais grave por ter sido uma dissimulação proposital e de ser um prêmio muito mais prestigiado. Em março de 2023 o artista alemão Boris Eldagsen ganhou o prêmio Sony World Photography Awards com uma imagem completamente gerada por Inteligência Artificial⁸. O júri o acusou de mentir e ganhar injustamente, porém Eldagsen alegou que fez isto justamente para provocar o mundo da arte e provar que competições como esta (em consequência nós humanos) não estão prontas para a chegada da IA. Sua obra foi retirada a pedido do artista e ele recusou o prêmio abertamente.

Estes acontecimentos levantaram justamente a questão da consideração do que é arte. A fotografia⁹, por exemplo, foi discutida por muito tempo logo após sua difusão em questão de ser ou não arte por não ter um processo laborioso como o da pintura, por exemplo. O mesmo se discutiu de ferramentas de manipulação de imagem como o Photoshop, Illustrator e afins, nos quais os processos para a criação de uma imagem se tornavam cada vez mais facilitados por estes instrumentos, e agora estamos chegando próximo de um ápice desta facilidade, onde o chamado artista é capaz de criar apenas por digitar algumas palavras.

ENTENDENDO OS PADRÕES

Os detalhes que diferenciam as imagens reais daquelas que foram geradas pelos softwares ainda são desconhecidos por muitos. Sendo assim, não existe uma lista de características pré-determinadas, apesar de, muitas das vezes, o espectador tentar encontrar padrões entre essas imagens para facilitar a identificação. Para entender melhor como isso está funcionando, produzimos um formulário¹⁰ no qual foram dispostas algumas imagens: umas reais e outras frutos de IA¹¹. Como procedimento metodológico realizamos um levantamento via questionário com estudantes do departamento de Comunicação Social

⁸ Imagem criada com IA ganha concurso e reacende discussão sobre o que é arte- <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/09/02/imagem-criada-com-ia-ganha-concurso-e-reacende-discussao-sobre-o-que-e-arte.htm>

⁹ A imagem feita por inteligência artificial que enganou jurados de um grande prêmio de fotografia <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqe5edn6997o>

¹⁰ À interesse, disponibilizamos o link do nosso formulário: [Estudo de caso - Imagens reais ou criadas pro IA? - Formulários Google](#)

¹¹ As imagens produzidas por IA foram tiradas da plataforma de criação de imagem Midjourney <https://www.midjourney.com/showcase>

(DECOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A pesquisa de concepção exploratória nos permitiu entender alguns padrões sobre os processos de leitura de imagens produzidas através de aplicações de inteligência artificial. O questionário foi aplicado durante os dias 28 de junho a 30 de junho sendo enviado eletronicamente através de plataformas como o WhatsApp. Ao todo foram reunidas 54 respostas e as perguntas foram dispostas em duas etapas.

Escolhemos seis imagens contendo três pares associados. O primeiro par de imagens exibiam tábuas de carne; o segundo tinha embarcações em alto mar, já o terceiro par apresentava fotografias de uma mulher em campo aberto. Em cada par temos uma imagem “real” e outra gerada por inteligência artificial.

No primeiro momento, os participantes analisaram cada imagem e ficaram diante de duas opções de respostas: Imagem real ou Imagem gerada por IA. Nesta primeira etapa foi notório que a maioria das respostas estavam corretas. 85,2% dos respondentes acertaram qual era real e qual tinha sido gerada por IA. Dentre os argumentos das respostas, grande parte apontou para os traços faciais bem marcados na fotografia que acreditavam ser real (e estavam certos), ao contrário da fotografia gerada por IA, em que a pele da moça está mais suave e sem imperfeições. No entanto, a imagem que mais causou confusão entre os respondentes foi as fotografias das embarcações.

Figura 1 (esq) e 2 (dir.)- Embarcação gerada por IA e Embarcação real



Fonte: Midjourney (2023) Fonte: Pinterest (2023)

Enquanto para muitos a Figura 1 era claramente uma fotografia gerada por IA, a Figura 2 gerou dúvidas, levando 58,5% dos respondentes a marcarem a opção de fotografia

real. Os outros 41,5% duvidaram da veracidade da imagem e acreditaram que a IA era capaz de gerar algo tão realístico, errando a alternativa.

Já no segundo momento do questionário, os padrões mudaram um pouco. Nesta etapa, perguntamos aos participantes o que o levou a classificar uma imagem como real ou criada por IA. Em cada uma delas apresentamos duas opções de análise possível e abrimos uma terceira possibilidade de resposta pessoal. Nas imagens que representam mulheres, 85,2% dos respondentes ao associá-las enquanto reais atribuem essa associação a presença de traços faciais mais marcados. Já as imagens das embarcações dividiram opiniões. Enquanto quem acreditava que a Figura 2 era real por causa dos detalhes e reflexos do sol no mar, os participantes que alegaram ser gerada por IA destacaram praticamente a mesma coisa.

Em maior porcentagem, temos algumas justificativas que se estabelecem como padrões quando o objeto analisado é imagem de ser humano. Muito se fala das mãos distorcidas ou com erros, dos traços faciais pouco marcados, das tatuagens - que, no caso de gerada pela IA, não sairia com perfeição e/ou nitidez -, entre outros detalhes. Além disso, em imagens geradas pela IA, conseguimos perceber uma maior suavidade e situações pouco prováveis na vida real. Porém, não temos como usar esses argumentos sempre, principalmente considerando seus rápidos avanços e melhorias internas: abruptas e incomparavelmente velozes. Isso se explica pela sua capacidade de aprender “[...] a partir de dados e decidem com base em regras e em experiências passadas” (SICHMAN, 2021, p.45). Portanto, com pouco conhecimento analítico, as imagens geradas por essa tecnologia ainda causam muitas dúvidas, como vimos no caso das embarcações.

CONCLUSÕES

Em síntese, a linha entre o verdadeiro e o falso está cada vez mais tênue diante de tantos avanços tecnológicos. Portanto, cabe a nós, humanos e criadores desses instrumentos, enxergar as problemáticas deste contexto e identificar o impacto dessas produções visuais na sociedade atual. Daqui para frente o caminho será analisar suas características e consequências, visando entender o que é possível e destacar o que pode ou não ser prejudicial à sociedade, iniciando uma eterna corrida entre os softwares desenvolverem sistemas que entendem e reproduzem o padrão de criação humano, e nós em identificarmos esses padrões de software para conseguir discernir a criação humana da artificial. Ademais, é importante ressaltar que a pesquisa não tem por objetivo classificar a IA enquanto uma ferramenta danosa

ou benéfica, mas sim pensar criticamente sobre as potencialidades. Assim como as outras tecnologias vieram para elevar o nível da capacidade de criação humana, a Inteligência Artificial também causa, de fato, uma grande reviravolta. Não podemos, no entanto, ser ingênuos a ponto de inseri-la naturalmente em nossa rotina sem pensar criticamente sobre, e é com este raciocínio que desenvolveremos os debates a partir daqui.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMANM, George. **Diante da Imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papirus Editora: São Paulo, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34 LTDA, 1997, p. 21-85

ROXO, Luciana. A difusão de informações e o fenômeno da “viralização” das notícias falsas nas redes sociais. *Entremeios* - Revista Discente de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 2016, p. 1-12.

GOMES, Dennis. **Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações**. Faculdade Associadas de Ariquemes, 2010.

SICHMAN, Jaime. **Inteligência Artificial e Sociedade: avanços e riscos**. Universidade de São Paulo, Escola Politécnica, Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais, São Paulo, Brasil.